

Capítulo 15

PERCEPÇÕES DO FAZER NA AGRICULTURA ECOLÓGICA: AS CONTRADIÇÕES DA “ROÇA LIMPA” E DA “NÃO LIMPA”

Iara Aquino Henn

Serinei César Grigolo

Resumo: O presente estudo se ocupa em analisar a relação dos agricultores e agricultoras com a natureza no contexto da agricultura ecológica a partir de conflitos “roça limpa” e “roça não limpa”. Tais expressões, que no artigo apresentamos como queixas, devem-se as críticas advindas do modo convencional de fazer agricultura, que classificam aos agricultores ecológicos como “burros” ou “loucos” por não utilizarem em suas unidades familiares agrotóxicos. Para isso, procedeu-se visitas a grupos familiares agroecológicos da região sudoeste do Paraná, objetivando compreender o cotidiano de agricultores e agricultoras. Entre as diversas informações da prática de fazer agricultura ecológica, o tema “roça limpa” e “roça não limpa” emergem como resultante de conhecimentos distintos e a defesa de tais práticas são justificativas para a sustentação da tensão entre agricultura ecológica e a convencional.

Palavras-chave: Agrotóxicos; agroecologia; manejos; trabalho.

1. INTRODUÇÃO

O artigo situa-se nos debates epistemológicos da agricultura ecológica e nas análises da antropologia social, com aportes etnográficos, a qual desvela as percepções e conflitos em torno das expressões “roça limpa” e “roça não limpa”. Tais categorias revelam tensões entre dois modelos de agricultura, a partir da percepção dos próprios agricultores/as, no qual o “limpo” e o “não limpo” figuram como categorias de análise deste estudo. Contudo, o objetivo é compreender os conflitos resultantes de um conjunto de manejos e conhecimentos que são explicados e debatidos entre seus pares e mediadores. Tal debate tem aporte na interface com o conhecimento científico e tradicional versus os conhecimentos da agricultura moderna.

O presente artigo se justifica porque na região sudoeste do Paraná existem inúmeras experiências desenvolvidas no campo da agricultura ecológica, mediadas por processos locais de formação de agricultores/as desenvolvidos por organizações da agricultura familiar e camponesa. Conflitos desta natureza são frequentemente abordados, contudo, nem sempre se consegue fundamentar a partir das visões dos interlocutores/as. Pois, estas percepções são relatadas a partir de processo vivenciados que abrangem desde a gênese da agricultura ecológica e todo seu percurso até a luta por políticas públicas. Todavia, este artigo contribui para evidenciar e colocar em relevância os aspectos epistemológicos da agroecologia, demonstrando que contraditoriamente a base de conhecimentos pautados pela agricultura moderna, existem outros que se fundamentam nos princípios da autonomia e da emancipação.

Durante a escrita da investigação, as ideias de Turner (2008, p. 37) problematizaram nossa percepção para o curso das ações sociais, os conflitos e as tensões gerados por estes coletivos de agricultores/as. Os diferentes manejos que adotam, e os conhecimentos que o embasam, atribuindo a agroecologia o termo “roça não limpa” e a agricultura convencional o termo “roça limpa”, entendendo esse conflito, como contribuições ao debate dos conhecimentos agroecológicos. Pois, tais categorias podem ser compreendidas como geradores de movimentação, de organização e de conhecimentos, com poder de fazer com que velhas regras sejam abolidas e bases de sustentação política sejam alteradas ou problematizadas na categoria dos conhecimentos e tecnologias.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Explorar-se-á falas com interlocutores obtidas em uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, realizada no sudoeste do Paraná, região de agricultura familiar e com organizações sociais que se mobilizam pela agroecologia. A pesquisa etnográfica buscou nas práticas, discursos, técnicas, ações e manejos realizados as tensões, no sentido empreendido por Wolf, com a tarefa de “decifrar as complexidades, as heterogeneidades e as desigualdades [...]” (FELDMAN-BIANCO e RIBEIRO, 2003, p. 12).

Com o enfoque etnográfico, como método de investigação, realizamos a construção de 20 trajetórias de vida de grupos familiares de agricultores/as situados na região Sudoeste do Paraná (dados biográficos, sociais e culturais) como fio condutor da investigação e elegemos os seguintes interlocutores/as: grupos familiares ecológicos, mediadores que atuam nas organizações sociais da Agricultura Familiar, agricultores/as feirantes, agricultores/as em transição para a agroecologia e egressos do Curso de Pós Médio do Curso Técnico de Agroecologia organizados pela Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (Assesoar). Deste modo, o produto final da investigação resultou da combinação de três fontes de dados: entrevistas abertas e reconstrução das trajetórias biográficas (história produtiva, social e cultural); observação e entrevistas com os mediadores/as (organizações e técnicos que promovem práticas e representações agroecológicas); observação de situações de interação entre mediadores/as e agricultores/as (cursos, capacitações, eventos, dias de campo, entre outros). Usamos o programa Software profissional para pesquisa qualitativa e métodos mistos MaxQda para a análise de dados, categorizando as falas em torno de categorias delineadas a partir das leituras bibliográficas e da análise das falas dos interlocutores/as, do qual resultaram as categorias analisadas no artigo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É significativo o relato do Sr. Interlocutor A, que ao falarmos do propósito em investigar como se organiza o cotidiano dos agricultores/as ecológicos/as, logo reagiu: “... Pode vim, só não vai apavorar e pensar como meus vizinhos que dizem que não sabem como que consigo viver no meio do mato”.

As tensões e contradições: “roça limpa” e “roça não limpa” podem ser também apreendidas na fala desta senhora agricultora agroecológica:

Ah sim, mas Deus o livre! Aqueles que não planta orgânico, eles dizem: "Mas eu que vou ficar nesse sol carpindo, passa um veneno e depois senta na sombra tomar um chimarrão". Mas eu, também digo assim: "_ eu também sento na sombra, tomo meu chimarrão, depois pego o meu chapéu e vou pra roça". Não precisa ir, não tem necessidade de ir nos horários de sol quente e coisa, [risos]. Pra manter uma roça assim, não é que é tão trabalhoso. E hoje as roças mais limpas que têm são as orgânicas aqui na nossa região, os químicos, que passam todo aquele veneno, ainda quando vão colher tem mato dentro das plantas, que é horrível. (INTERLOCUTORA B - agricultura ecológica).

Em diversos locus do campo etnográfico apareceram falas emblemáticas como da Sra. Interlocutora B. Por exemplo, o Sr. Interlocutor C, relatou que os vizinhos o chamam de "louco" quando o veem fazendo trabalhos manuais. Mas, esta queixa vai além destas duas situações. O Sr. Interlocutor D, de Dois Vizinhos, relatou que seu filho estava capinando na beira da estrada quando o vizinho passou e disse: "[...] larga mão de sofrer home! [...] compra aí um litro de veneno que mata tudo". O Interlocutor E, relatou ouvir mais de dez agricultores lhe falarem para "deixar dessa bobagem e passar veneno".

A interlocutora B, assegura que, em relação ao sistema convencional, não acha difícil manter a roça nas condições necessárias para produzir orgânico. Aprendeu que para ter a roça corrigida é necessária "uma boa cobertura verde" no inverno, cobertura de palha para controlar as plantas espontâneas, entre outros manejos que utiliza, inclusive na produção dos grãos. Relata que essas aprendizagens advêm da participação em processo de formação nas organizações sociais da região.

Para a Sra. Interlocutor F, do município de Francisco Beltrão, feirante, ver a horta com cobertura verde não é fácil, mesmo sabendo que é uma prática da agroecologia e ter comprovado que produz melhor, uma vez que protege a terra, mantém a umidade e desvia atenção dos insetos de suas culturas, garantindo o equilíbrio do ambiente. Todavia, relatou-nos que às vezes sente-se mal diante de outras pessoas que a criticam ou fazem "brincadeiras" perguntando-lhes se não tem tempo para capinar o mato, que sua horta está no "meio da sujeira". Também assinalou que tem dificuldade, ainda hoje, de gostar de sua plantação em meio as plantas espontâneas, pois aprendeu que "terra limpa" é sinônimo de boa produção e trabalho bem feito.

Parece-nos que os manejos para fazer da roça um cenário alinhado, com terra exposta, como sinal de rendimentos e de agricultor/a que trabalha, estão impregnados nas percepções e mesmo quando desconstruídos nos processos educativos deixam nuances evidenciadas pelos relatos.

A problemática, a qual descortina a tensão que perpassa pensamentos e discursos em relação a ser um agricultor/a ecológico/a ou não, está ancorada também nos conflitos em relação aos manejos que se necessita fazer, ora pela cultura que possuem, a exemplo da concepção da terra limpa e dos plantios alinhados, ora pelas formas e instrumentos que dispõem para fazer os manejos e organizar sua produção, principalmente nas fases de transição ou conversão do sistema convencional para o agroecológico. A Interlocutora G é mediadora, ou seja, possui formação em agroecologia, relatou as dificuldades que sua mãe tem em aceitar que o "pomar" seja organizado com base na prática agroflorestal, pois esteve sempre acostumada com a "terra limpa".

Estas "queixas" descortinam uma diversidade de concepções sobre o fazer num modelo de agricultura e no outro. Está em jogo, em meio às tensões, o significado imputado a roça limpa ou não limpa. Para explicitar os resultados, tomamos emprestado de Mary Douglas (1966) as categorias de puro/impuro, da ordem/desordem, que se opõem e estão intrínsecos a uma organização ou ordem social construída, a partir da qual problematiza os conflitos e as práticas instituídas. Adotando este conceito da autora no sentido de uma ferramenta de pensamento (WOLF, 2003), na agricultura ecológica, "a desordem é pois, ao mesmo tempo, símbolo de perigo e poder" (DOUGLAS, 1966, p. 115).

Os espaços (BOURDIEU, 2007) caracterizados imersos "no meio do mato"; na "roça não limpa"; na "roça suja" se misturam nas falas, pois mostram as diferenças de percepções sobre o que constitui a categoria da agroecologia. Não alinhados, não medidos e nem ordenados, segundo a lógica moderna de fazer agricultura, estes espaços se constituem uma "desordem" e têm potencialidades no sentido que atribui Mary Douglas. Com esse relato passamos a compreender um pouco mais sobre as críticas que agricultores/as agroecológicos/as recebem de outros agricultores/as relativos a suas roças "não limpas".

4. CONCLUSÃO

Em suma, nas tensões do campo etnográfico sobre “roça limpa” e “roça não limpa”, identificamos que os conflitos entre conhecimentos distintos e contraditórios descortinam um campo epistemológico em construção próprio da agricultura ecológica. Os agricultores/as que são participantes de processos de educação há mais tempo e engajados em organizações da Agricultura Familiar, refletem, argumentam e analisam sua forma de fazer agricultura, destacando alternativas tanto na produção, quanto nas relações ambientais. Portanto, destacamos estes elementos como estratégias de adaptação, apontadas por Bartolomé (2000, p. 27), como um movimento, o qual não é absoluto e não está totalmente determinado pelas forças externas, mesmo sendo inegáveis as limitações sociais, econômicas e culturais.

Neste sentido, os interlocutores/as deste estudo demonstraram que é possível encontrar alternativas para modificar posições e formas de fazer sua produção ao ponto de sentir aceitável ou viável em relação às condições do grupo familiar e social. Reinventar e construir estas estratégias (DE CERTEAU, 2007) possibilitou aos agricultores/as gerar outras formas sociais, econômicas e culturais no jeito de ser e fazer a agricultura ecológica como um processo em construção (roça não limpa).

Resultantes dessas posições, os manejos realizados e debatidos com os pares e mediadores/as geram uma série de práticas ecológicas distintas da agricultura moderna, a exemplo dos consorciamentos de culturas, das adubações verdes, das coberturas de solo, das plantas alelopáticas e repelentes (roça não limpa), que adotam para manejo da fertilidade e da sanidade do sistema. Evidenciando, assim, uma gama de conhecimentos e tecnologias que contribuem para sua profissionalização entrelaçados a preservação ambiental, geração de renda e produção com outras bases epistemológicas.

Portanto, o “limpo” e o “não-limpo”; a “ordem” e a “desordem” são conflitos ligados aos processos de conhecimentos em disputa e, conseqüentemente, às práticas em construção, de forma tensa e ao mesmo tempo complexa que contribuem para fazer emergir a agricultura ecológica como uma prática social além de sustentar as práticas de enfrentamentos, resistências e a geração de outros conhecimentos, todavia, ainda incipientes.

5. AGRADECIMENTOS

À Dr^a. Gabriela Schiavoni orientadora de tese “Atores de Conhecimento e Intervenção: a Construção Social da Agricultura Ecológica” que deu origem a esse debate. Professora do *Postgrado em Antropologia Social*, Universidad Nacional de Misiones, Posadas, Argentina.

Observação: artigo apresentado ao X Congresso Brasileiro de Agroecologia e publicado nos Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018 (Cadernos de Agroecologia).

REFERÊNCIAS

- [1] Bartolomé, Leopoldo J. *Los colonos de Apóstoles: estrategias adaptativas y etnicidad en una Colonia Eslava de Misiones*. Posadas, Argentina: Universidad Nacional de Misiones, 2000. 286 p.
- [2] Bourdieu, Pierre. Efeitos do lugar. In: *Miséria do Mundo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 159-166.
- [3] De Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 13^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 372 p.
- [4] Douglas, Mary. *Pureza e Perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Tradução Sônia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70, 1966. 232 p. (Coleção. Perspectivas do Homem, n. 39)
- [5] Feldman-Bianco, Bela; Ribeiro, Gustavo Lins. In: _____. (Org.). *Antropologia e Poder: as contribuições de Eric Wolf*. Tradução de Pedro Maia Soares. Brasília: Universidade de Brasília, 2003. p. 11-55.
- [6] Turner, Victor. *Dramas, campos e metáforas: a ação simbólica na sociedade humana*. Tradução Fabiano de Moraes. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2008. 78 p. (Coleção Antropologia e Ciência Política, 42).
- [7] Wolf, Eric R. Explicando a vida rural: Tipos de Campesinato latino-americano: uma discussão preliminar, Comunidades camponesas corporadas fechadas na Mesoamérica e em Java Central. In: Feldman-Bianco, Bela; Ribeiro Gustavo Lins. *Antropologia e Poder: as contribuições de Eric Wolf*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003. 276 p. (Coleção Antropologia).